

Polícia põe invasores para correr

Alberto Lima
Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

Foi uma combinação fatal para as mais de dez mil pessoas que invadiram uma área de 200 mil metros quadrados, na Ceilândia Norte. Atuando conjuntamente, a Polícia Civil e a Polícia Militar do Distrito Federal conseguiram, em 11 dias, praticamente eliminar a ocupação sem entrar em confronto com os invasores. A fórmula usada foi a identificação e o enquadramento das lideranças do movimento. Ameaçadas de prisão, elas acabaram desistindo do acampamento e batendo em retirada com os grupos que lideravam, o que reduziu a invasão a cerca de três mil pessoas.

Por orientação dos próprios líderes, os ocupantes foram deixando o local, sem ter conseguido nada de concreto do GDF. A maior debandada aconteceu entre a noite da segunda-feira e a madrugada de ontem, quando a área foi abandonada pelo maior grupo, o da prefeitura comunitária da EQNN 17/19. A ação da polícia é o contraponto da política de pão, água e palavras de apoio do governador Joaquim Roriz (PMDB) para ganhar a simpatia dos invasores. Se por um lado o Palácio do Bu-

riti esteve solidário com o movimento, por outro jogou pesado para desarticulá-lo.

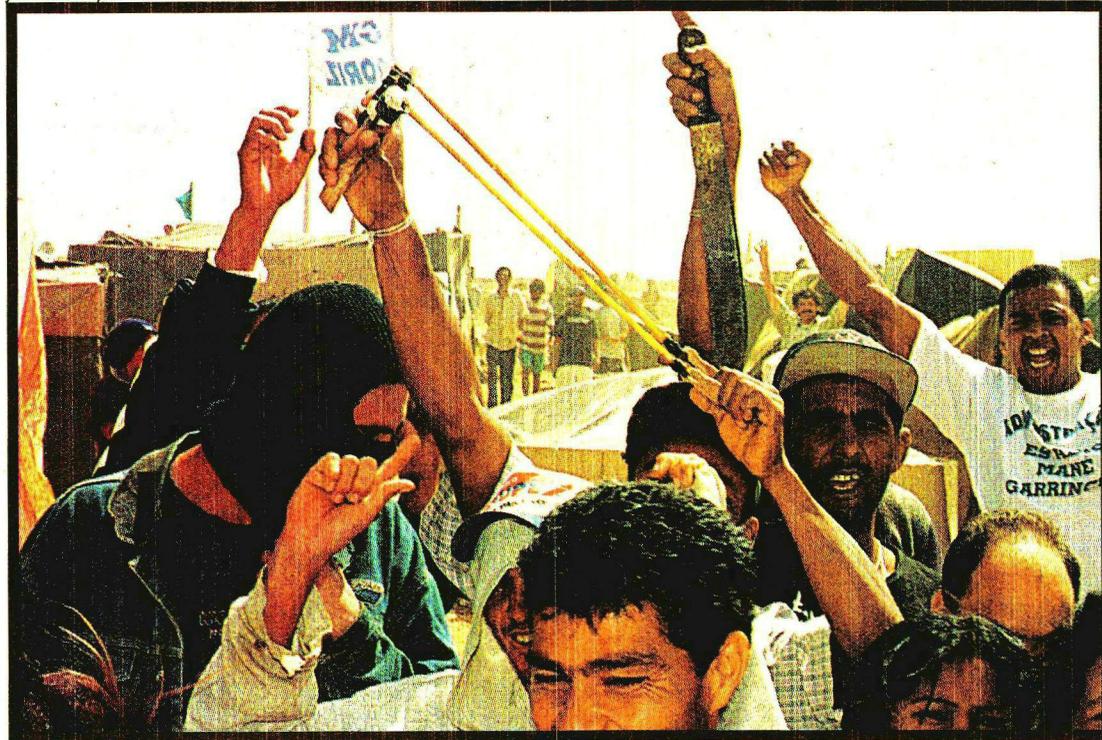
Respalhada pelo Ministério Público, a Polícia Civil aprontou o pedido de prisão de quatro líderes e ameaçou requerer a preventiva de todos à Justiça. "Eles (os líderes) saíram porque viram que o buraco é mais embaixo", comentou o delegado Francisco Crisanto, da 24ª DP, de Ceilândia, responsável pelo inquérito.

Com o fim dos movimentos organizados, ficou no local um aglomerado de pessoas que havia pego carona na invasão e, agora, está acéfalo. Armados com facas, muitos invasores garantem que não deixam a área. "Se tentarem nos tirar, vai haver sangue", avisou Carlos Lourenço. A polícia pode forçar a saída de quem decidir ficar.

PARANOÁ

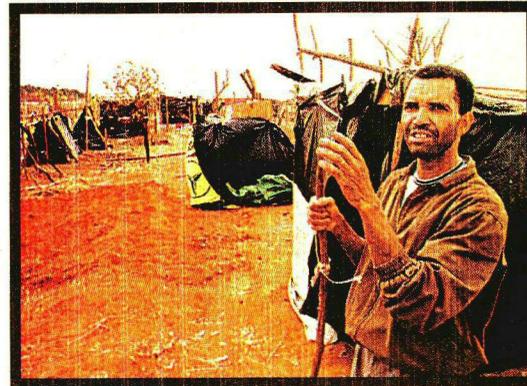
Ao contrário da Ceilândia, nas proximidades do Paranoá, invasores de uma área de 250 mil metros quadrados, de propriedade da União, reforçaram seus barracos com madeirite e prego, durante o dia de ontem. Completa, hoje, 20 dias que eles estão no local. O gerente do Patrimônio da União no DF, Raimundo Ribeiro, tentou uma negociação há 15 dias, sugerindo que o GDF fizesse um

Jefferson Rudy



SEM LIDERANÇA, GRUPO DE INVASORES DECIDE FICAR NA CEILÂNDIA, ARMA-SE COM FACÕES E AVISA QUE NÃO SAI

Ronaldo de Oliveira



NO PARANOÁ, JOSELITO REFORÇA O BARRACOE E DIZ QUE FICA NO LOCAL: "SÓ SAIO COM MEU LOTE"

pedido de cessão da área à União. O que foi feito.

Mas, assim mesmo, os invasores decidiram ficar. "A União só pode ceder a área depois que ela for desocupada", justifica Ribeiro. O gerente não descarta a possibilidade de a Advocacia Geral

da União (AGU) conseguir liminar, ordenando a retirada dos invasores — o que pode acontecer nos próximos dias. "Só saio daqui com meu lote", diz o desempregado Joselito Mesquita.

O Paranoá também está sendo alvo de outra polêmica envolvendo o Conselho do Meio Ambiente do DF (Comam) que aprovou, por cinco votos a quatro, a licença prévia de instalação da expansão do Paranoá. O Fórum das ONGs Ambientais questiona a decisão e prepara ação civil

pública, pedindo à Justiça do DF que anule a votação.

"O assunto em questão foi colocado na pauta às vésperas da reunião. Pela lei, os conselheiros devem ser informados com dez dias de antecedência", argumenta César do Espírito Santo, presidente do Fórum. O secretário do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do DF, Antônio Barbosa, garante que todos os requisitos legais foram cumpridos.

"Tratava-se de uma reunião extraordinária, em que a pauta poderia ser colocada de última hora", argumentou o secretário. O fato é que a decisão do conselho é um passo para a derrubada de 140 hectares da Floresta de Eucalipto, que dará lugar a ruas e casas. "Vou até o fim nessa história, nem que eu mesmo tenha que derrubar os eucaliptos", prometeu o líder comunitário Pedro Barbudo.